

A GENTE VIVE NO MAR

Ana Paula Rainho

anap.rainho@gmail.com

Mestranda em Antropologia | PPGA - UFPR

Bolsista CAPES

Resumo: Há uma ampla discussão acadêmica sobre os conhecimentos tradicionais das comunidades de pescadores artesanais, também conhecida como comunidade caiçara no Sul/Sudeste do país. Alguns defendem que seus conhecimentos são tão complexos que estes poderiam manejar seus recursos naturais sem a intervenção do Estado, outros afirmam que este conhecimento ainda não é suficiente para um manejo pesqueiro adequado. Mas, o que são de fato esses conhecimentos tradicionais sobre o mar? O oceano coloca componentes complexos para a sua compreensão, desde limitações físicas e financeiras para pesquisas científicas, como saídas de campo em embarcações, até limitação humana, já que suas dinâmicas não são tão óbvias a olho nu. Ainda assim, os pescadores e pescadoras da comunidade tradicional Barra do Arapira (Guaqueçaba – PR) possuem um conhecimento complexo e aprofundado sobre os diferentes fenômenos oceanográficos. A partir disso, procurei compreender, através da etnografia, como se dá o processo de aprendizagem dos fenômenos marinhos. Procurando também compreender o significado do mar para uma comunidade pesqueira tradicional.

Palavras-chave: Conhecimento Tradicional; Pescadores Artesanais; Comunidades Tradicionais.

O conhecimento tradicional acerca da natureza é uma forma de conhecimento transmitida oralmente através das gerações, por gerações. Tal conhecimento não é estático, não é parado no tempo, como um acervo de uma biblioteca, mas, é produzido diariamente através de observações constantes da, e na, natureza. Assim como também é construído através de debates, reflexões e hipóteses entre os membros da comunidade. Por isso, para Lévi-Strauss, não se trata apenas de um conhecimento adquirido por sua utilidade prática, que no caso das comunidades tradicionais de pescadores artesanais serviria para navegar em segurança pelos mares e obter sucesso na pescaria. Um conhecimento desenvolvido tão sistematicamente, com tanta riqueza e precisão, não se limita a ordem prática, mas corresponde a exigências intelectuais de introduzir um princípio de ordem no universo, correspondendo a uma curiosidade intelectual (Lévi-Strauss 1976).

Não duvidemos de que foi necessária uma atitude de espírito verdadeiramente científico, uma curiosidade assídua e sempre alerta, uma vontade de conhecer pelo prazer de conhecer, pois apenas uma pequena fração das observações e experiências (sobre as quais é preciso supor que tenham sido inspiradas antes e sobretudo pelo gosto do saber) podia fornecer resultados práticos e imediatamente utilizáveis. (Lévi-Strauss 1976: 30)

Para compreender a complexidade do conhecimento tradicional é importante investigar também as formas de aprendizado, estas irão dizer muito sobre o significado e a importância de tais conhecimentos para a comunidade estudada. No caso deste trabalho, a comunidade estudada foi a comunidade tradicional pesqueira Barra do Arapira, que se localiza na ilha de Superagui¹ (Guaraqueçaba – Paraná). Para esta comunidade, os conhecimentos tradicionais acerca do oceano são construídos em todos os instantes, inicia-se desde o nascimento e continua na mesma intensidade em que o mar influencia suas vi-

das; em todos os momentos. Este trabalho foi realizado através da etnografia de três meses na comunidade da Barra do Arapira, constituindo parte da pesquisa final que está sendo realizada no departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná para a obtenção de título de mestre. No começo da etnografia foquei apenas em quais eram tais conhecimentos tradicionais e me impressionei com a complexidade desses conhecimentos. A partir disso, tive como objetivo mostrar como esses conhecimentos são aprendidos e qual sua relevância na comunidade, assim como qual o papel que o mar desempenha na vida dessas pessoas que as fazem construir e reforçar, a cada dia, esse conhecimento enriquecedor.

A trama de significações do universo pesqueiro se pronuncia na unidade espacial terra-mar-céu (ciclo lunar e processos atmosféricos), conformando um saber biocósmico que atua como regulador de acesso aos recursos naturais e à movimentação no espaço marítimo. Considerando que terra-mar-céu integram os saberes e a prática pesqueira de modo interconectado, evidencia-se no universo do pescador artesanal uma noção tridimensional do espaço compondo sua territorialidade (Cunha 2009: 61).

Podemos analisar o conhecimento dos moradores da Barra do Arapira a partir da localização geográfica da comunidade, que, por si só, impõe aos moradores uma necessidade de se adquirir profundos conhecimentos dos processos geológicos e físicos que acontecem na região costeira. Essa necessidade é aprofundada porque a comunidade se localiza na frente de uma barra geológica com intensa atividade hidrodinâmica, responsável por transformar anualmente as feições da região, ora erodindo praias, ora depositando areia, ora destruindo mata, ora construindo mangue. A localização da comunidade numa área de constante mudança geológica transformou a comunidade migrante dentro de sua própria vila. Os moradores tiveram que construir casas cada vez mais ao norte para escaparem da erosão que acontecia em seus jardins.

As mudanças geológicas acabaram por

¹Localizam-se dentro dos limites do Parque Nacional de Superagui.

determinar, e continuam determinando, a própria dinâmica territorial da comunidade, assim como a disposição das moradias. Muitos membros da comunidade chegaram a mudar suas casas de lugar (às vezes construir outras) mais de três vezes por conta da erosão acarretada pela maré. No processo de construção de novas casas, por conta de toda essa dinâmica, foi necessário um conhecimento sobre a disposição dos sedimentos. Onde erode? Por que erode? Onde essa areia é depositada? Todas essas são perguntas que os moradores acabam tendo que fazer antes de começarem a construir uma nova casa. Para entender sobre erosão, não basta saber sobre sedimento, mas também todas as saídas e entradas de água pela barra geológica, assim como os fatores que atenuam a força d'água. Isso mostra que só saber não é suficiente para compreender, mas que é preciso correlacionar causa e efeito, criando hipóteses para as dinâmicas geológicas costeiras e assim, tentar prever seu comportamento para escolher um lugar apropriado para morar.

Outros fatores também impõe uma necessidade de aprender, de saber, como a própria atividade produtiva da comunidade: a pesca. Pescar exige saber se locomover em água. Sem GPS, sem mapas, sem imagens de satélite, sem qualquer aparelho ou ferramenta, os moradores da Barra do Ararapira precisam se locomover no mar com segurança, guiando-se apenas por seus conhecimentos. Precisam evitar baixios de areia e conhecer bem as dinâmicas da maré para não encalhar seus barcos. Precisam saber o funcionamento das ondas que se formam na saída da barra geológica para não se acidentarem em mar, já que a única saída para pesca em alto mar é passando pela barra que oferece perigo constante aos pescadores(as).

Para capturar as espécies, precisam saber o comportamento de tais espécies para compreender que horário, que vento, que maré, que corrente, que lua, aumentam as chances de sucesso na pescaria. Além disso, precisam saber o aspecto reprodutivo da espécie, saber quando desova, onde desova, e

quais são os períodos dos meses em que mais aparece tal espécie e por quê. Somado a tudo isso ainda precisam localizar o pesqueiro, ou seja, o ponto no oceano em que se encontra o cardume. Esse processo de localização não é fácil, porque a pesca da Barra do Ararapira é predominantemente voltada para espécies de peixes, e estes viajam pelo oceano, mudando sua localização no mar constantemente. Para localizar tais cardumes, todos os conhecimentos são úteis e necessários, como a corrente, a maré, o vento, etc. Localizar os pesqueiros é uma atividade intelectual, em que o(a) pescador(a) necessita refletir, a partir dos conhecimentos que já tem, onde o cardume possa estar no dia seguinte. No ato de localizar os pesqueiros, além dos conhecimentos, precisam contar com os sentidos aguçados e também com a intuição.

A pesca membeca é no palpite por ser uma espécie de fundo. Já aconteceu de eu acertar umas três vezes. Falei é aqui, tinha tanto peixe que a rede afundou, todas as boias afundaram. Falaram pra gente que já era, que havíamos perdido a rede, que ela havia engatado em alguma pedra no fundo da ilha da Figueira. Mas não, era muito peixe! (Flávio, pescador e morador da Barra do Ararapira, referindo-se a localização do cardume.

Entrevista dia 03/07/2014).

Vivenciei muitos momentos intelectuais de reflexões em jantares na casa dos moradores, em que a observação empírica do dia (como a observação do vento naquele dia, da corrente marinha, da lua, dos aspectos da maré, etc.) era comentada, comparada, coligada num processo de causa e efeito para prever a localização do cardume no dia seguinte e ir ao mar com um pouco mais de certeza. Além disso, precisam prever o tempo, pois uma tempestade pode surgir quando estiverem no mar, colocando a vida desses homens e mulheres em risco. Todos esses aspectos por si só já mostram como a atividade produtiva exige um conhecimento específico, um conhecimento profundo, que se fosse comparado ao da ciência ocidental seria um conhecimento mais que interdisciplinar, ou seja, multidisciplinar, em que se relacionam diferentes áreas científicas. Esses aspectos também mostram

que a pesca não é apenas uma atividade prática, mas, fundamentalmente, é uma atividade intelectual.

Para existir como pescador, é preciso se afirmar na fruição dos seus sentidos concretamente, em seu dia-a-dia, nos diálogos que realiza com o mar, através de sua atividade produtiva. O mar e os pescados colocam componentes complexos a serem compreendidos, tanto para ter sucesso na pescaria, quanto para obter segurança, por isso, para ser pescador é preciso desenvolver um saber especializado (Ramalho 2011: 319).

Mostrei nos parágrafos acima como a localização de suas casas e o ofício de sua profissão, por si só, exige dos moradores da Barra do Ararapira um determinado conhecimento, mas, como esse conhecimento é de fato aprendido? Ao reparar nos conhecimentos das crianças, percebi que todas sabem alguma coisa sobre a mata e o mar. Em uma tarde, Ingrid, filha de moradores da Barra, com apenas seis anos de idade, me mostrou o nome de diferentes espécies de plantas, inclusive plantas usadas medicinalmente pelos moradores da comunidade. As crianças também me mostraram as diferentes espécies de peixe quando as embarcações voltavam das pescarias. É claro que não conheciam todas as espécies, mas mostravam interesse desde cedo em aprender sobre estas. A partir disso, comecei a observar as brincadeiras das crianças e percebi que a pesca de linha estava entre uma das atividades favoritas, independente do sexo da criança.

Eu não gosto de pescar de rede, mas eu adoro pescar de linha, ficava horas sentada ali na beira da barra pescando de linha. Mas as crianças também adoram pescar de linha, estão sempre pescando na beirada acompanhada do pai ou de algum outro pescador. (Edina, moradora da Barra do Ararapira. Entrevista dia 17/06/2014).

Nadar e observar o mar também estão entre alguns dos passatempos das crianças. E mesmo as brincadeiras que não tem relação direta com o oceano são realizadas à beira-mar. Além disso, as crianças também acompanham seus pais na pescaria. Desde cedo são introduzidas na prática pesqueira e,

enquanto acompanham a pescaria, aprendem cada dia um pouco mais, tanto pela própria prática empírica do trabalho pesqueiro, como através dos ensinamentos que recebem a bordo por seus familiares. Por isso, todas as crianças apresentam algum grau de conhecimento, desde espécies de peixes e plantas até a maré (a maioria das crianças sabe a diferença entre maré de enchente e maré vazante). Quando perguntei aos adultos, como eles aprenderam tantos saberes sobre o mar, a maioria das respostas foram iguais: todas remetiam a época de infância, quando acompanhavam a pescaria de seus pais e quando os mais velhos ensinavam os mais novos. Dona Iolanda, antiga pescadora da Barra do Ararapira, me contou que aprendeu sobre vento quando era criança através de seus parentes. Mas hoje, com anos de experiência, ela sente o vento na pele e já sabe sua direção.

A gente aprende vendo os mais velhos fazendo. (Felipe, filho de 14 anos de Edina e de Dico, entrevista dia 20/06/2014).

Papai me ensina a lançar, a remar e a fazer rede. Sei um pouco sobre vento e maré. (David, filho de 12 anos de Shirlei e Delmiro, entrevista dia 20/06/2014).

Aprendemos com todo mundo daqui, todo mundo fala sobre isso, todo mundo te ensina. (Flávio, pescador e morador da Barra do Ararapira. Entrevista dia 15/04/2014).

Nesta última fala de Flávio percebe-se que os ensinamentos não são restritos ao núcleo familiar: avôs, pai, mãe, filhos (as), mas compartilhado entre todos, mesmo daqueles que não são parentes. Flávio me disse que os conhecimentos também são adquiridos de forma prática, durante a própria atividade pesqueira. Para tornar-se pescador é preciso adquirir uma série de conhecimentos, que com o tempo vai se desenvolvendo. O conhecimento passado por gerações continua sendo importante, sendo este o primeiro acesso aos conhecimentos marítimos que os futuros pescadores e pescadoras irão adquirir. As primeiras idas ao mar servem para testar e experimentar esses conhecimentos antigos. Com o desenvolvimento do saber, somam-se novos conhecimentos aos já existentes na comunidade. Esses novos conhecimentos são

produzidos e reproduzidos pela prática, mas também debatido e refletido entre os membros da comunidade.

Essa atividade intelectual pode ser comparada a uma atividade científica. Primeiramente, há um levantamento de informação com os moradores mais antigos, depois há campos diários para a confirmação desse conhecimento antigo e para a produção de novos conhecimentos. Também se criam hipóteses relacionadas ao ambiente marinho, entre um dia de pescaria para o outro, levantando questionamentos como: Onde pode estar o cardume? Porque ele está naquele lugar e não em outro? Que fatores climáticos e físicos fizeram o cardume estar naquele lugar? Essas reflexões não são feitas isoladas individualmente, mas em grupos, com os membros da comunidade. Também há troca de informação com pescadores (as) de outras comunidades, que possuem artes de pesca diferenciadas. Cada arte de pesca captura determinada espécie e produz determinado conhecimento. A troca de conhecimento com outras comunidades agrega um conhecimento a mais, um conhecimento daquelas espécies que os moradores da Barra não pescam e/ou não conhecem. Por último, os moradores da Barra ainda anotam os resultados de suas observações. Santiro, pescador de longa data, anotou diariamente por dois anos todo o desembarque pesqueiro da comunidade, assim como as condições climáticas, os horários e o tamanho da maré daquele dia. Já Rubens, também pescador de longa data, escreveu um livro contando a história da comunidade da Barra do Ararapira, assim como a história do Parque Nacional de Superagui e algumas informações geológicas e ecológicas interessantes acerca da região.

A diferença em relação à ciência é que o conhecimento tradicional não é dividido em categorias como geologia, física, biologia, etc., típico das disciplinas acadêmicas. Ele também não está separado do resto da cultura que produziu tal conhecimento, como tentamos² fazer com a ciência. Religião, família, organização social, visões do mundo estão todas interligadas e são estas também geradoras e

produtoras do conhecimento. De acordo com Lévi-Strauss (1976), as diferenças não estão na natureza das operações mentais, mas nos tipos de fenômenos aos quais são aplicados. Quando o autor afirma que as diferenças não estão na operação mental, está se referindo que as duas atividades atendem a um apetite de saber, a uma ordenação do universo, mas, isso não significa que a lógica é a mesma. Ele afirma que o conhecimento tradicional se apoia mais em percepções sensoriais, como cheiros, sons, cores, sabores, enquanto a ciência ocidental usa conceitos.

Pescador sabe se vai estar bom para pescar só ouvindo o barulho do vento de noite, sabe de onde vem o vento e para onde vai. (Betão, pescador de Pontal do Paraná, conhecido de infância dos moradores da Barra do Ararapira. Entrevista no dia 25/04/2014).

É papai, eu sei pelo barulho do motor. (Leonardo, filho de nove anos de Edina e Dico. Fala dita quando ele reconheceu de longe o barco de seu pai, somente pelo barulho do motor. Dia 27/06/2014).

Outra diferença entre o conhecimento tradicional e o conhecimento científico é o empirismo. Por exemplo, o empirismo de um morador da Barra do Ararapira é, geralmente, muito superior ao de cientistas que possuem como objeto de pesquisa o oceano. Esse empirismo não é apenas fruto da pesca, apesar da pesca trazer esse exercício à tona, já que, em todas as pescarias que acompanhei, uma parte importante da atividade era a observação do mar. Observa-se o mar para localizar cardumes, prática corriqueira entre todos os membros da comunidade. Para a pesca de canoa a remo, a observação do mar pode ser feita dentro da própria casa, já que todas as casas são à beira-mar. Mas geralmente essa

Apenas tentamos, pois, de acordo com Latour (1994), uma das premissas da modernidade é a separação entre coisas e humanos. Separação apenas aparente, pois, o autor mostrou como os modernos foram capazes de misturar as coisas e humanos em uma escala jamais vista até então. Por isso, Latour (1999) também vai questionar como nós, ocidentais, fomos capazes de inventar uma forma de conhecimento tão radicalmente original que ela escapa a todas as condições culturais de produção?

atividade é feita na praia, algumas vezes em conjunto com outros pescadores, abrindo espaços para debates acerca do assunto. Já na pesca de canoa a motor, há sempre um pescador responsável em localizar o cardume. Apesar de essa responsabilidade ser atribuída a uma pessoa só, há momentos em que a canoa fica parada e todos os pescadores dirigem sua atenção na observação do mar.

Eles localizam o cardume, pois conseguem ver o cardume de manjuba saindo da água, alguns pulam outros põe pra fora parte do corpo, e é assim que localizam, porque a sororoca está debaixo da manjuba, já que se alimenta da mesma. Os pássaros também comem manjuba, eles ajudam muito, pois permitem que se localize o cardume a dez quilômetros de distância. Mas tem que ter intuição também para saber onde lançar a rede. Eles se orientam para pescar através do vento e do mar. (Osni, pescador e morador da Barra do Arapira, entrevista dia 05/04/2014).

Além da atividade pesqueira, os moradores da Barra do Arapira possuem um diferencial importante que os ajudam a desenvolver conhecimentos sobre o mar: a forma como estão distribuídas as casas da comunidade. Todas as casas são de frente para o mar, assim como a escola, a igreja e o galpão da igreja onde ocorrem os bailes, bingos e cursos. Algumas casas são um pouco afastadas da praia pela dinâmica sedimentar que ocorreu na região, o processo de erosão de um lado, deposição de sedimento do outro. Mas, de todas as casas, através da janela, é possível olhar o mar. No final do meu campo, comecei a sentir como se estivesse num navio, porque não importa para onde eu ia, o mar estava sempre ao alcance da minha visão. Percebe-se que os moradores da Barra do Arapira não vivem apenas beira-mar. Cercados por água por todos os lados, eles vivem dentro do mar. Por isso, não se limitam apenas a estudar o mar, mas a viverem dentro dele.

A gente vive dentro do mar. Onde quer que vamos estamos cercados de mar. É mar por tudo. A única saída para qualquer lugar é o mar. Vemos o mar toda hora, todo dia. E ainda tem o barulho do mar a noite para dormir. (Flávio, entrevista dia 24/07/2014).

Ana, passou um cardume de tainha pulando na frente da Barra. Foi lindo de ver! Você tinha que ter visto. (Leidiana, moradora da Barra do Arapira, referindo-se ao dia em que um cardume de tainha passou pulando bem na frente da comunidade. Dia 21/07/2014).

Esta distribuição das moradias obriga os moradores a olharem o mar em todos os momentos de suas vidas. Os casamentos são à beira-mar, assim como as festas de aniversário, as missas, as brincadeiras das crianças, o jogo de futebol dos adultos, etc. Essa oportunidade de morar em frente ao mar e de trabalhar no meio do oceano, não apenas amplia o trabalho empírico, importante para a construção do saber, como os coloca em uma posição privilegiada de constante observação, ampliando as chances de avistar fenômenos naturais difíceis de serem vistos e, mesmo compreendidos.

E a observação do mar não está apenas limitada a ter sucesso na pescaria e por uma questão espacial das moradias, mas está enraizada a uma questão cultural da própria comunidade. Percebi que quando os moradores estão nervosos, eles vão se acalmar olhando o mar. Percebi que “espionar o mar” (usando a categoria dos próprios moradores da Barra) era também uma forma de lazer, compartilhado entre os membros da comunidade, independente do sexo e da idade. Todos passavam alguns minutos (às vezes horas) dos seus dias olhando o mar, algumas vezes em grupo, outras vezes sozinhos, apenas pelo simples prazer de olhá-lo.

Antes eu espiaava tanto o mar que ficava até com dor na nuca. Leontina, pescadora e moradora da Barra do Arapira. Entrevista dia 02/07/2014.

Mamãe ainda espia o mar. Esses dias estava lavando louça e ela me disse que estava vindo a voadeira de Sebastião. Eu disse que não sabia, porque não vi, estava lavando louça. Ela viu muito de longe, e não é que era mesmo. (Maria Creuza, filha de Dona Leontina, pescadora e moradora da Barra do Arapira. Entrevista dia 02/07/2014).

Os moradores também falam constantemente sobre os assuntos: mar e pesca. Eles

falam sobre isso, pensam sobre isso e fazem reflexões, confirmando e reafirmando seus conhecimentos o tempo todo. Diferente de nossa sociedade que tenta separar as coisas: isso é conhecimento, isso é comida, isso é lazer, para os moradores da Barra do Arapirã está tudo junto. O peixe é comida, é conhecimento, é trabalho, é lazer! Nas rodas de conversas, a pesca é um assunto para toda hora, tanto pelos aspectos do ofício quanto por lazer, sendo assunto até para piadas. Por exemplo, as piadas sexuais, corriqueiras na comunidade, se apropriam muitas vezes de nomes de animais marinhos (ou parte de animais) para falar sobre vagina, espécies como mexilhão, ostra, linguado, ou parte de peixes como ventrexa³ e lanho⁴. Também há espécies que se referem ao pênis, como o peixe amoré. Palavras próprias da pescaria se transformam em expressões usadas em situações que não estão diretamente relacionadas à pesca. Por exemplo, o verbo costear referente a “se aproximar da região costeira” é usado também como termo para aproximação entre pessoas, como “venha costear em mim” ou “estava costeando” que pode se referir tanto a passear pela praia como a ficar à toa. Chumbar refere-se a colocar chumbo na rede, mas também é usado como adjetivo referente à tristeza, melancolia, como na expressão “ela está chumbada”.

Em campo, com o passar dos dias, percebi cada vez mais como o tema “mar” e “pesca” era corriqueiro e importante para todos da comunidade. Um dia quando fui visitar a Edina, contei para ela e sua família o que tinha escutado sobre a pescaria do Wellington, um pescador jovem que mora na comunidade vizinha de Pontal do Leste. Contei que ele havia pegado muita tainha e todos ficaram animados, querendo saber muito mais, como se eu tivesse contado a maior história de todos os tempos. Todos queriam saber como e onde eu

ouvi essa história e se era verdadeira. A partir disso, reparei que em todas as casas que visitava o assunto era o mesmo: quem está pescando? O que? Onde?

E quando as canoas chegam carregadas de peixes, alguns membros da comunidade, geralmente os que moram mais perto, vão correndo para a praia observar o desembarque. Alguns ajudam a desmalhar os peixes da rede, outros apenas observam, mas, todos estão lá: homens, mulheres, crianças, idosos. E a chegada de uma canoa carregada de peixe é sempre um motivo de alegria e orgulho.

Pegaram sororoca Margarida. Adirson, você viu o tanto de sororoca que mataram? Edina, comentando com o marido e com a vizinha o quanto de peixe a família de Santiro havia capturado. (Dia 07/07/2014)

Que bom que pegaram peixe! (Margarida, moradora da comunidade, respondendo a sua vizinha Edina. Dia 07/07/2014).

O mar é extremamente importante para a comunidade, mas qual é o significado dele para os moradores da Barra? A primeira resposta que obtive, e que continuei a obter, quando fiz tal pergunta foi: “pescador não vive sem o mar”. O mar é a base da vida dos moradores da Barra do Arapirã, quando digo base não me refiro apenas aos processos produtivos, mas vários outros itens constituem essa base: saúde, educação, moradia, todos se interligam e se relacionam com o mar constantemente. Saúde, no sentido de que os moradores literalmente não conseguem viver sem o mar, ao menos não com qualidade de vida. Muitos me falaram que passam até mal na cidade, com crise de ansiedade por não ver o mar. Outros me falaram que se incomodavam tanto, que quando estavam longe do oceano tudo que queriam era voltar o mais rápido possível para suas casas.

O mar é tudo para mim. Não consigo viver na cidade. O barulho do mar de noite, para dormir. A água do mar é remédio. (Leontina, entrevista dia 20/07/2014).

Pescador não vive sem mar. Não se acostuma na cidade. Quando fui para Registro, fiquei entediado, não tinha nada para fazer. Aqui já acorda, olha o mar, já vê a maré, já

³Ventrexa é o nome referente a guelra do peixe.

⁴Após abrir e limpar o peixe, corta-se a carne em filetes para ficar mais fácil o processo de salga do peixe. Os filetes são chamados de lanho e, entre um lanho e outro a aparência é muito semelhante a uma vulva.

sabe o tempo. (Antônio Muniz, entrevista dia 20/07/2014).

Sem mar eu vario⁵, me dá ansiedade se não vejo o mar. Tenho que acordar e ver o mar. (Dona Iolanda, entrevista dia 20/07/2014).

Dormir, uma atividade que em grande parte se faz em sua moradia, é construído através dos barulhos do mar. A importância desse barulho nas noites de sono dos moradores foi muito bem comentada, de como o som acalma e os faz adormecer. Mais do que um prazer, é um hábito construído socialmente, porque assim que se nasce na comunidade já começa a dormir embalado pelo som do oceano. O próprio nascimento passa pelo mar. Apesar de haver parteira na comunidade, a maioria das mães opta por terem seus filhos e filhas em Cananéia, no estado de São Paulo. Assim que a mãe sente as contrações, ela entra na embarcação e viaja até a cidade. Após o nascimento, a criança é transportada de volta a comunidade, novamente através do mar.

As casas, ao menos as mais antigas, também foram construídas com a ajuda do mar, quando a correnteza trazia madeira até a praia da comunidade. Antigamente, os moradores não tinham luz nem equipamentos adequados para cortar a madeira para fazer ripas de construção de casa. As casas eram construídas todas com madeiras trazidas pelo mar. Apesar de hoje se obter madeira de forma diferente, os moradores ainda utilizam móveis, utensílios entre outras coisas que chegam até a costa pela maré, constituindo um passatempo interessante a caminhada pela orla da praia para encontrar itens trazidos pelo oceano. Por toda comunidade se vê blocos de cimento que são utilizados como bancos pelos moradores, blocos que também vieram pelo mar.

As escolas que os moradores da comunidade frequentam, mesmo com matérias curriculares do padrão público de ensino, relacionam-se com o mar. A escola da comunidade que vai apenas até a quarta-séria é a beira-

-mar e a professora é pescadora, nascida na Barra do Ararapira, casada com um pescador e possui filhos também pescadores. Para cursar outras séries, os alunos da Barra se deslocam até a comunidade do Ariri, localizada no Estado de São Paulo. O trajeto até a escola não poderia ser outro, a não ser por barco, obrigando os estudantes a estarem atravessando o mar todos os dias do ano letivo.

O mar está em todos os momentos e em todas as etapas da vida dos moradores da Barra do Ararapira. Ao acordar, a primeira coisa que os moradores fazem é olhar a maré e o vento. Ao dormir, a última coisa que escutam antes de se embalarem no sono é o som do mar. Os horários também são definidos pelo mar. A opção de transporte e pescaria pelo período da manhã se dá pela calma do mar e pela facilidade em se capturar peixes nesse horário.

Como a comunidade está próxima a uma barra geológica, os (as) pescadores (as) só conseguem realizar a atividade pesqueira em mar calmo com pouco vento. Assim, o mar acaba definindo não apenas o horário, mas o dia e a época do trabalho pesqueiro, que se organiza seguindo as dinâmicas do oceano, em um ritmo diferente do ritmo de trabalho das sociedades urbano-industriais, como muito bem demonstrado por Cunha:

... é possível constatar, no interior das comunidades pesqueiras investigadas, a presença de um tempo cósmico regulando suas atividades ecoprodutivas e o horário do dia a dia. A lua, o sol e as estrelas atuavam no mundo da pesca e da agricultura, no passado, como marcadores de tempo, e ainda se pronunciam no presente do mundo costeiro, ainda que, muitas vezes, de modo difuso e fragmentário... Convém salientar, aqui, que mesmo dependente das forças que regem o mundo marinho, não é a natureza em si que comanda a ordenação do trabalho do pescador, os intervalos e a sucessão das tarefas; portanto, seu ritmo de tempo é regido pela própria atividade, que se desenvolve na interseção entre cultura e natureza. Nesse sentido, é a modalidade da pesca que comanda o horário cotidiano do pescador artesanal perpassando tanto a vida laboral quanto a vida sociocultural como um todo, marcadas por temporalida-

⁵“Eu vario” para os moradores da Barra do Ararapira significa eu fico incomodada, enjoada.

des distintas. (Cunha 2009: 61)

E como isso se dá em relação ao corpo dos moradores da Barra do Ararapira? O mar calmo de manhã define até os horários de despertar e adormecer dos moradores. A maioria não utiliza despertador e despertam com o nascer do sol, indo dormir entre sete e nove horas da noite. Isso pode ser definido pela atividade produtiva, pelo ritmo das dinâmicas marinhas, mas também pela falta de luz da comunidade. Apesar da comunidade ser abastecida com luz solar através das placas solares colocadas pelos gestores do Parque Nacional de Superagui em parceria com a Copel, tais placas falham constantemente, deixando muitas vezes os moradores da Barra, por períodos de até semanas, sem energia. Por isso, a comunidade acaba se guiando pelo tempo natural do próprio sol, de sua alvorada e de seu entardecer. Cunha argumenta que o tempo dos pescadores é uma mescla entre o tempo produtivo (da sociedade urbano-industrial) e o tempo natural (de comunidades tradicionais), numa situação em que o velho e o novo se combinam, imprimindo um ritmo singular à apropriação dos espaços naturais e sociais. Para os moradores da Barra, afastados geograficamente da sociedade urbano-industrial e com quase a ausência de luz, o tempo natural acaba se acentuando muito mais em suas rotinas diárias que o tempo produtivo.

O mar, a praia, o sol, a natureza costeira como um todo, não influenciam no corpo apenas o tempo de despertar, trabalhar, dormir, mas vai muito além. De acordo com Sautchuk (2009), os(as) pescadores(as) passam por uma configuração corporal específica, que os individua enquanto pessoas particulares. O corpo se modifica pelo ofício da pescaria. Primeiro, seus corpos permanecem constantemente molhados, independentemente do tipo de pescaria que realizam. Essa relação do corpo molhado da água do mar pode ser percebida na própria brincadeira entre o pescador e seu cachorro, quando perguntei a Davi, pescador e morador da Barra, o porquê do seu cachorro estar molhado e ele me respondeu: "é porque ele é pescador". Nas mulheres há

outra forma de perceber como o mar afetou seus corpos. As pescadoras mais antigas possuem problemas de bexigas relacionadas à alta exposição a água do mar.

Mas não são apenas essas transformações que acontece em seus corpos, até porque é uma transformação momentânea, em suas casas os(as) pescadores(as) se secam e se limpam após o término do trabalho. Outras transformações são mais profundas, sendo permanentes. As mãos tornam-se calejadas de tanto puxar rede, a pele escurece e se enrugam, os músculos crescem com o intenso exercício que a atividade pesqueira impõe, os pés ressecam e calejam com o contato constante da areia e da água do mar. Até os sentidos se modificam, tornam-se mais aguçados. A visão especializa-se em localizar aves, peixes, baixios de areia e os ouvidos, passam a reconhecer de longe, os barulhos do mar.

O mar na vida dos moradores da Barra do Ararapira não pode ser encarado apenas como natureza, mas sim, como uma natureza em que eles estão intrinsecamente conectados, em todos os instantes de suas vidas. Como diria Maria Luzia, pescadora e moradora da Barra, quando perguntei sobre o mar e seus conhecimentos, e ela me respondeu: "todo tempo da vida da gente". É isso que o mar representa em suas vidas, por isso, não há como separar a pesca e o mar da família, do lazer, da religião, do trabalho, do saber, etc.

O mar é fonte de vida pra gente, fonte de alimento, de renda, de sobrevivência. Fico sentada olhando o mar todo dia, rezando, pedindo que proteja a comunidade, pedindo que proteja quem está lá fora pescando. (Valmira, pescador e moradora da Barra do Ararapira, entrevista dia 15/07/2014).

Por isso, em todos os aspectos da vida dos moradores da Barra do Ararapira o conhecimento é construído, conhecido e reafirmado. E sua complexidade se dá tanto pelo processo de especialização do ofício de pescador (a), pela localização da comunidade, pela consistência em que se observa o objeto do conhecimento, como também pela importância que o mar tem em suas vidas. Seus corpos mudam para se tornarem essa mistura de homem

(mulher) e de peixe que é o (a) pescador (a). Seus corpos mudam pelo trabalho na pescaria, mas também mudam por ficarem perto do mar e por permanecerem perto dele. Seus corpos passam a pertencer ao mar, sendo assim possível compreender o porquê deles não conseguirem passar um dia sequer sem olhar o oceano, dormir uma noite sem ouvir as ondas, viverem um dia longe do mar. Pois o mar faz parte de suas vidas tanto quando suas vidas pertencem ao mar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Lúcia Helena. 2009. "O mundo costeiro: temporalidades, territorialidades, saberes e alternativas". *Desenvolvimento e Meio Ambiente* 20: 59-67

LATOUR, Bruno. 1994. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34.

_____. 1999. "Como redividir a grande divisão". *Mosaico-Revista de Ciências Sociais* 2 (1): 168-199.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976. "A ciência do concreto". In: *O pensamento selvagem*. Editora Companhia Editora Nacional, São Paulo.

RAMALHO, Cristiano W. N. 2011. "O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais". *Revista de Antropologia* 54 (1): 315-352.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. 2009. *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas* (Vila Sucuriju, Amapá). Tese de Doutorado em Antropologia, Brasília.